

A RELEVÂNCIA DA FILOSOFIA EDUCACIONAL DE MAHATMA  
GANDHI PARA O SÉCULO 21

por

RODRIGO TOSTES GEOFFROY

Belo Horizonte, 1º semestre de 2010.

A RELEVÂNCIA DA FILOSOFIA EDUCACIONAL DE MAHATMA  
GANDHI PARA O SÉCULO 21

por

RODRIGO TOSTES GEOFFROY

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Especialização em Língua Inglesa/  
Tradução apresentado à coordenação do  
Curso de Pós-Graduação em Letras da  
Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Professor Doutor Carlos  
Gohn.

Belo Horizonte, 1º semestre de 2010.

## SUMÁRIO

### **A Relevância da Filosofia Educacional de Mahatma Gandhi para o Século 21**

Parte I .....	01
Parte II .....	05
Referências .....	07

## A Relevância da Filosofia Educacional de Mahatma Gandhi para o Século 21

Este artigo tem duas partes: Na primeira, busco fazer um resumo crítico da filosofia educacional de Mahatma Gandhi e, brevemente, tento avaliar sua implementação no presente momento desde que foi proposta. Na segunda parte, tento relacionar o ideal de educação do amigo Gandhi àquilo que pressinto ser as necessidades das próximas gerações.

### I

A maioria dos escritos sobre educação, da lavra de Gandhi, foram reunidos e editados por Bharatan Kumarappa em dois volumes finos, *Educação Básica* (1951) e *Em Direção à Nova Educação* (1953). Esses escritos, em sua maioria, são uma espécie de miscelânea: cartas, discursos, trechos de livros e assim por diante. Mas juntos devem ser tomados como constituintes de uma filosofia educacional coerente. O documento mais significativo de todos os escritos de Gandhi sobre educação é provavelmente o discurso de abertura, feito por ele na Conferência Wardha<sup>1</sup> em 1937. Talvez não seja por acaso que estejamos nos encontrando na mesma lida sessenta e dois anos mais tarde. Devo me remeter a tal pronunciamento no qual Gandhi deve ter tomado a palavra por 85 minutos (Varkey 4). Primeiro, no entanto, vamos tentar compreender, brevemente, o propósito dessa conferência.

A Conferência de Wardha aconteceu sob os auspícios da Sociedade Educacional Marwari (mais tarde renomeada Nava Bharat Vidyalaya) em Wardha nos dias 22 e 23 de outubro de 1937. Jannalal Bajaj era o presidente dessa sociedade que realizou a conferência para comemorar seu jubileu de prata e também o da escola secundarista Marwari de Wardha. A ideia era proporcionar a Gandhi uma plataforma nacional para lançar suas ideias acerca da educação. Gandhi era o presidente da conferência a qual foi frequentada por educadores e ministros muitos conhecidos, dentre os quais B. G. Kher, o premiê da província de Bombaim, Zakir Hussain, o diretor da Universidade Islâmica Jamia Millia, Déli, P. Subbrayan, ex-Ministro da Educação, província de Madras, Viswanath Das, ex-Ministro da Educação, Estado de Orissa, Ravishankar Shukla, ex-Ministro da Educação, representantes das províncias centrais, Jannalal Bajaj, J.C. Kumarappa, Kakasahed Kalelkar e um grande número de outros educadores eminentes e de partidários de Gandhi.

A Agenda, formulada por Gandhi, continha quatro propostas que podem ser resumida da seguinte forma: 1. “O atual sistema de educação não atende as necessidades do país...” 2. “A duração da educação primária deve ser estendida, pelo menos, em sete anos e deve incluir o conhecimento acumulado até o nível de qualificação para a entrada na educação superior, menos inglês e uma vocação concreta a mais.” 3. “Para o completo desenvolvimento de garotos e garotas toda instrução deve, tanto quanto possível, ser dada por meio de uma vocação (uma prática) que lhes assegure algum rendimento.” 4. “A educação superior deve ser deixada à iniciativa privada e deve se estabelecer de modo tal que atenda às demandas nacionais nas indústrias, artes técnicas e nas belas-artes” (Varkay 3-4).

---

<sup>1</sup>Wardha foi a conferência indiana sobre os rumos da educação básica realizada em 1937 (N.T.).

Ao final da conferência, quatro resoluções foram tomadas. Essas haviam sido propostas por um comitê que rompeu a noite no trabalho sob a liderança de Zakir Hussain. As resoluções foram: 1. “Que ... a educação livre e compulsória fosse oferecida por sete anos em escala nacional.” 2. “Que o meio de instrução fosse a língua materna.” 3. “Que ... o processo educacional ... devesse se apoiar em torno de alguma forma de trabalho manual e produtivo ... 4. “Que ... este sistema de educação ... fosse gradualmente capaz de suprir o numerário dos professores” (ibid 5-6). Posteriormente, um comitê foi formado para criar um currículo adequado e submetê-lo a Gandhi. O relatório de tal currículo foi submetido em dezembro de 1937. Logo após, um segundo relatório foi publicado em 1938, com esclarecimentos e respostas às objeções levantadas no primeiro documento. O segundo relatório continha currículos detalhados para três disciplinas ou habilidades específicas como Gandhi teria preferido chamá-las: agricultura, fiação e tecelagem.

Todos esses documentos – o Discurso Inaugural de Gandhi, a Agenda, as Resoluções e os dois relatórios que se seguiram constituíram o núcleo do “Nai Talim” ou “A Nova Educação” que, mais tarde, se tornou famosa por toda Índia.

O que proponho fazer aqui não é examinar esses textos em maiores detalhes, mas, ao contrário, focalizar os princípios educacionais subjacentes de Gandhi sobre os quais se basearam. Isso nos fará escapar do compromisso com o cerne do currículo ou com outros aspectos práticos do sistema tais como financiamento. Na realidade, tanto as objeções quanto as críticas objetivaram tais aspectos enquanto poucos questionaram as bases filosóficas por detrás deles. O último é claramente defendido por Gandhi em seu, já mencionado, Discurso Inaugural para o qual podemos agora nos voltar com o objetivo de compreendê-lo mais detalhadamente. Gandhi começa explicando que sua agenda educacional inclui tanto os níveis primários quanto a educação superior, mas o destaque é claro no primeiro elemento. Também defende que seu posicionamento é fruto de suas várias incursões pelas vilas da Índia e de sua experiência de vida rural na África do Sul (cf. Varkey 19-20). Posto de outra forma, a filosofia educacional de Gandhi nasceu de sua intensa necessidade de melhorar as condições da Índia rural. Nas palavras de Kumarappa, “o amigo Gandhi percebeu que a única maneira de salvar a nação naquela altura era revitalizar a vida econômica da vila e relacionar a educação a isso. A educação ... tinha de ser baseada nas tarefas da vila. A criança devia ser treinada para produzir (“Nota do Editor” a *Basic Education*: iii).

O ponto alto focalizado por Gandhi em seu discurso inicial é que o sistema atual de educação é imperfeito: “Estou convencido de que o sistema de educação primária da atualidade não é apenas dispendioso, mas grandemente prejudicial” (Varkey 20). Suponho que ainda possamos consentir acerca daquilo que Gandhi observou. Seus motivos para levantar tais questionamentos são, entretanto, igualmente relevantes: “A maioria dos garotos está perdida, segundo a visão dos pais, e também para a tarefa para a qual nasceram. Viciam-se em hábitos ruins, transgridem a moral, são superficiais e isso é tudo menos educação” (ibid). Gandhi avança e pergunta: “O que constituiria, então, uma maneira adequada de educação primária?” e responde à própria pergunta com o que é a quintessência de sua filosofia educacional: “Acho que o caminho é educá-los por meio de suas vocações ou por meio do treino manual” (ibid).

O restante da fala vai em direção a um detalhamento e a uma explicação das características mais explícitas do sistema. Gandhi diz que propôs seu método após suas experiências na fazenda Tolstoy, onde aprendeu a arte da sapataria com o seu amigo Kallenbach, que havia sido treinado em um mosteiro trapista (ibid). Após nos dizer sobre a origem de suas ideias, explica que aquilo que defende “não é o ensino de artesanato lado a lado com a tão conhecida educação liberal. Desejo que o todo

educacional possa ser relacionado por meio de alguma atividade artesanal ou industrial” (ibid). Penso ser essa a sentença-chave para a qual devemos voltar nossas atenções na segunda parte deste artigo. Gandhi acredita que na época medieval, na qual a educação era centrada na atividade artesanal, havia poucas tentativas de se desenvolver a parte intelectual dos aprendizes (20-21). Ele defende a “transmissão da arte e da ciência integrais do artesanato por meio da prática e, conseqüentemente, a transmissão da educação integral” (21). Ele dá o exemplo da fiação artesanal do algodão por meio da qual o aprendiz não apenas aprende sobre os vários tipos de algodão bem como sobre os vários tipos de solo, sobre o fracasso das atividades de produção nativas no período da colonização, sobre o período de domínio britânico na Índia e sobre a aritmética básica (ibid). Devemos acrescentar que o aluno aprenderia a coordenação entre o olhar e as mãos, desenvolvendo suas habilidades de concentração, de equilíbrio e a inteligência física. Claramente, o que Gandhi tinha em mente era uma educação holística estruturada em torno de uma atividade artesanal. O exemplo do takli, portanto, não é acidental. Gandhi estava convencido de que a fiação artesanal era a solução para as aflições da Índia: “a fiação artesanal é a única solução prática do nosso problema, considerando as condições econômicas deploráveis que prevalecem em nosso país” (21). Gandhi defende que a educação primária deve focar essa arte e cria um plano de ensino para tal propósito. Mas, misericordiosamente, deixa para que o Congresso possa decidir se aceita ou não a ideia. A ênfase de Gandhi nessa atividade artesanal não era irracional ou mesmo fanática; ele acreditava que os aprendizes lucrariam à medida que aprendessem o ofício, se treinassem regularmente. Ele acreditava que poderiam produzir o suficiente para bancar os salários de seus professores! Além disso, o pano produzido pelos alunos podia ser consumido por eles e por suas famílias. Gandhi vislumbrou um curso de sete anos na educação primária, centrado na fiação artesanal, que culminaria com aulas de tecelagem, de tingimento e de estamparia (Varkey 22). Ao final do processo, o aprendiz comercializaria os produtos e isso o sustentaria pela vida. Pelo menos, esse era o objetivo e o ideal.

Gandhi também insistiu que seu sistema para a educação básica incluiria “os princípios elementares de saneamento básico, de higiene e de nutrição,” além de treino físico compulsório por meio de exercícios musicais de repetição (ibid.). Gandhi refuta a pecha de ser contrário ao “treino literário” e rejeita a acusação de que seu sistema resultaria na exploração das crianças. “Será essa tal sobrecarga que salvará a criança de um desastre?” pergunta ele. E argumenta que o takli<sup>2</sup> é um brinquedo eficaz, não somente uma fonte de sobrevivência (ibid). Diferentemente do sistema atual de educação que é dispendioso, custoso e alienante, Gandhi defende que seu esquema tornaria os alunos mais fortes, mais confiantes e úteis aos pais e ao país. Acrescenta que seu sistema conduziria à harmonia comum pelo fato de ser o mesmo para todos; seria “religião prática, a religião da autoajuda” (Varkey 23). Gandhi crê que seu plano “brota da não-violência” (ibid). Tem a capacidade de fazer de nossos educandos “verdadeiros representantes de nossa cultura, de nossa civilização, dos verdadeiros gênios da nossa nação” (Varkey 23-24). Não almejamos seguir a Europa, Rússia, ou os Estados Unidos, diz Gandhi, pois que seus sistemas são calcados na violência e na exploração (Varkey 24).

Quando examinamos as ideias centrais no Discurso de Abertura, descobrimos que essas já estavam presentes na cabeça de Gandhi havia décadas. Por meio do princípio espiritual Nai Talim, que prega a união do conhecimento e do trabalho, foram lançadas em 1937 como pudemos constatar. Os experimentos de Gandhi na educação,

---

<sup>2</sup>Takli é uma espécie de tear artesanal (N.T.).

que se iniciaram na fazenda Tolstoy, já datavam, ao menos, de 30 anos. Da mesma forma, a base para muitas de suas ideias posteriores podia ser encontrada no capítulo XVIII da obra *Hind Swaraj*<sup>3</sup> (1909), a bíblia da revolução pacífica, que contém a maioria dos elementos essenciais do completo “arsenal de violência”<sup>4</sup> gandhiano. Nesse capítulo, Gandhi claramente define o que entende por educação. Não é meramente “um conhecimento das letras” (87). Citando Huxley, Gandhi defende que uma pessoa é considerada educada “cujo corpo é o servo preparado da sua vontade...; cujo intelecto é consciente...; cuja mente é dotada de um conhecimento de verdades fundamentais da natureza...; cujas paixões devam constituir o estopim da busca por meio de um desejo vigoroso...;” (88). Gandhi é contrário ao modelo presente de educação superior, pois esse aliena o estudante em relação à sociedade e o empanturra de uma gama de informações importadas irrelevantes. Ele é totalmente contrário à disseminação do inglês como um meio de instrução: “proporcionar a milhões o conhecimento de inglês é escravizá-los ... Não é triste ter de falar sobre nossos processos e sobre nossos mecanismos de autogoverno em uma língua estrangeira?” (90). Mais tarde, Gandhi reservou um lugar mais limitado ao inglês como língua de comunicação internacional. Gandhi também desaprovou a “pretensão de se aprender muitas ciências”, defendendo no lugar a “religião que é educação ética” (92). Em resumo, no *Hind Swaraj* Gandhi considera a edificação do caráter, o que se chama hoje de educação de valor, a “base” da sua ideia de educação. Essa base devia ser edificada na educação primária e tinha de ser compulsória. Naturalmente, devemos nos lembrar de que as ideias de Gandhi estavam calcadas em uma perspectiva mais ampla que podia ser encarada como anti-industrial, senão anti-moderna. Como Kumarappa pensa, Gandhi “estava convencido de que a civilização técnica trouxe a escravidão e a exploração de vários setores do país e dos povos industrialmente atrasados” (*Basic Education* iv). A educação era, portanto, uma de suas muitas plataformas integrantes de sua agenda civilizatória na qual a independência da Índia era o principal objetivo. O ideário educacional da Gandhi era, dessa forma, transformar os desprovidos, os iletrados, os explorados e os extremamente pobres em cidadãos autoconfiantes, dignos de respeito de uma nova comunidade e de uma nova nação. Nesse sentido, Gandhi foi o menos elitista e o mais prático de todos os maiores pensadores da educação de nosso século. A ideia de cultura, defendida por Gandhi, pode ser resumida na resposta a Rabindranath Tagore: “não desejo que minha casa seja cercada de todos os lados e que minhas janelas sejam obstruídas. Desejo que as culturas de todos os lugares possam habitar tão livremente quanto possível a minha casa. Recuso-me a viver nas casas de outrem como um intruso, um mendigo ou um escravo,” *Young India* 1-6-21 (citado em *Towards New Education* 9-10).

Penso que seria útil relembrar brevemente as várias facetas da filosofia educacional de Gandhi, como feito acima, reduzindo-as aos seguintes postulados cardeais: 1) Educação significa desenvolvimento integral; é melhor conquistada por meio da ação. 2) A educação deve se dar por meio de uma habilidade, não somente por meio de livros ou de abstrações. 3) A base da educação verdadeira é a construção de caráter; uma pessoa educada deve ser tornar um cidadão ideal. 4) A educação deve garantir o autosustento tanto quanto possível e proporcionar ao aprendiz a melhoria de sua condição financeira. 5) A educação deve ser baseada na não-violência e deve estar a serviço da harmonia comum. 6) O meio de instrução deve ser a língua materna, não o inglês. 7) A educação primária deve ser gratuita e compulsória para todas as crianças e

---

<sup>3</sup>Swaraj quer dizer autogoverno. Mas a palavra, contudo, se refere ao conceito de Gandhi de Independência da Índia da dominação estrangeira. Swaraj enfatiza uma forma de governo que não seja hierárquica, por meio dos cidadãos e da construção de suas respectivas comunidades (N.T.).

<sup>4</sup>As aspas são nota do tradutor.

deve durar ao menos sete anos. 8) Todo plano educacional deve ser pensado também para as massas rurais da Índia; em outras palavras, a educação não deve ser elitista, mas popular em sua essência.

Aqui não é o lugar para detalharmos a história do que aconteceu ao Nai Talim. Muitos estados o adotaram, mesmo antes da independência, quando os congressistas ascenderam ao poder, e havia muitas escolas preparadas especificamente para utilizá-lo. E ainda hoje o Nai Talim está morto. Não conheço uma só instituição na Índia em que possamos achá-lo em prática. O motivo é simples. As associações das escolas seguem um sistema totalmente diferente no qual o conhecimento enciclopédico é supremo. Logo nenhuma escola, a menos que não queira ser parte de associação reconhecida alguma, pode funcionar puramente nas linhas gandhianas. Mesmo as escolas que foram fundadas sob a égide do ideal gandhiano não seguem o Nai Talim. Ao contrário, elas possuem uma espécie de verniz gandhiano superficial nos aspectos da oração multirreligiosa, do uso do Khadi<sup>5</sup>, da insistência-chave no trabalho manual e do ensino de habilidades suplementares tais como a fiação ou a carpintaria. Não há sequer uma única instituição de ensino que conheça na qual a totalidade da educação se baseie nas habilidades artesanais. Em igual medida, longe de ser auto-suficiente, a educação se tornou a única responsabilidade financeira do Estado. Os recursos são poucos, resultando que, muito dificilmente, atingiremos um padrão de alfabetização decente do que estávamos há 50 anos. A Índia possui o maior número de analfabetos no mundo. A educação superior é um elefante branco; elitista, as instituições bancadas pelo governo produzem alunos que buscam paragens mais fecundas, vislumbrando a primeira oportunidade. É com esses fatos em mente que devemos encarar a questão da relevância das ideias educacionais de Gandhi no próximo milênio.

## II

Da discussão anterior, ficam claro que certos princípios fundamentais são intrínsecos à filosofia educacional de Gandhi. Estes princípios incluem a equidade, a justiça social, a não-violência, a dignidade humana, o bem-estar econômico e o respeito à cultura. Tudo isso pode ser resumido no termo guarda-chuva Swaraj. Se pensarmos nas décadas vindouras tomando por base o Swaraj, constataremos que há muito trabalho a ser feito. Em nosso país, especialmente, fica óbvio que estamos longe de atingirmos o Swaraj ideal. Há injustiças e desigualdades tremendas em nossa sociedade. Há também um vazio inconsciente entre pobres e ricos. Em acréscimo à antiga divisão da Índia e do Bharat, temos a terceira categoria de uma superclasse internacional, residente na Índia, contudo vivendo realmente em ambientes dolarizados, globalizados e climatizados. Levando-se em conta a educação, cada uma dessas classes e subclasses é *sui generis*. Naturalmente, a ampla classe inferior, de mais de 400 milhões de almas, não possui acesso a qualquer tipo de educação. Para eles, apenas um modelo gandhiano, que requer uma menor quantidade de capital, pode funcionar.

Em outras palavras, defendo que o novo século será tão parecido quanto os anteriores para os mais pobres dos mais pobres. Também será marcado pela exploração, pela violência, pela falta de segurança, pela pobreza, pela fome e pela doença. Para se fazer frente a isso, apenas um modelo gandhiano ou alguma adaptação nesse pode trazer alguma esperança. Recentemente, o trabalho de Swadhyaya, baseado em um conceito como o Kriti-Bhakti, vem à mente como sendo algo que pode funcionar. Pandurang Shastri Athavale, ou Dada, ensinou a um grupo pequeno, do qual fazia parte,

---

<sup>5</sup>Khadi é um tecido indiano de algodão manufaturado (N.T.).

como o promotor de Rajkot requisitou sua ajuda para tornar o distrito de rajkot 100% alfabetizado. Num primeiro momento, Dada replicou: “Este não é meu trabalho.” Mas, mais tarde, após ser persuadido, concordou em ajudar. Dada disse ao promotor: “Esta é a maneira pela qual faremos isso. Vamos dividir o distrito em duas partes. Você se responsabiliza por uma parte e eu pela outra. Você alfabetiza a sua metade e assim faço também. Mas adotarei meus próprios métodos. Ensinarei à minha divisão shlokas<sup>6</sup>, provérbios, estórias ou o que quer que ache possa servir à população, mas alfabetizarei todos. Vamos comparar nossos resultados após um ano.” Qualquer um pode ser capaz de imaginar o resultado dessa competição sadia. A metade de Dada se tornou alfabetizada em oito meses enquanto que a outra, do promotor, não atingira sua meta. Esse exemplo serve para mostrar a inadequação do aparato do Estado para atingir objetivos sociais. Swadhyaya, que é baseado em um voluntariado espiritual, funcionou no lugar em que empregados pagos pelo governo não. Considero que os métodos Swadhyaya são gandhianos pelo fato de que são baseados em um despertar interior do agente e do alvo mais do que em externas palavras bonitas ou em subsídios governamentais.

Retomando o conteúdo do Nai Talim, a mim me parece que a ênfase na aprendizagem de uma habilidade artesanal deve ser preservada, talvez, entretanto, modificada para atender aos tempos modernos. Talvez a educação tecnológica possa se dar nas bases do Nai Talim, como uma contrapartida governamental, ocasionando uma ferramenta de aprendizagem e um brinquedo para as crianças em vez do takli (tear rudimentar). Sei que essa ideia pode soar chocante, ou até mesmo blasfema, para os tradicionais gandhianos, mas talvez Gandhi tenha sido um dos primeiros a se servir da mudança revolucionária das tecnologias de comunicação que estão impactando o mundo. Gandhi recorreu muito ao telégrafo, senão também ao telefone em sua lida. Claro que questões ligadas à configuração econômica e ao impacto de novas tecnologias deveriam ter sido levadas em consideração por Gandhi. Quem inventou a tecnologia? A quais interesses essa serve? Temo que as respostas a essas questões possam revelar quão poderosa é a produção e a difusão da tecnologia, mantendo suas posições. Ainda, a estrutura genética de todas as tecnologias não é a mesma. Algumas têm o poder de reduzir as desigualdades enquanto que outras são programadas para recrudesce-las. Se o computador pessoal é visto como uma ferramenta de poder para os indivíduos mais do que para grandes corporações ou para governos, então estou certo de que não podemos perder seu potencial para fazer um mundo melhor. Em igual medida, a Internet já criou um mundial virtual sem fronteiras. Novamente, presenciamos uma batalha pelo interesse comercial de controlar essa nova tecnologia, mas há tanta informação grátis e tanta propaganda que seus formatos não serão totalmente um sucesso.

O que sugiro é que quando consideramos o início do novo milênio, somos confrontados com, pelo menos, duas possibilidades contrastantes. De um lado, a ordem mundial que luta para se estabelecer tão ruim quanto ou pior do que aquela que controla nossas vidas no presente momento. Podemos até trazer à memória distopias nas quais a clonagem, a captação de órgãos e um governo de máquinas se tornem realidades. Por outro lado, devemos ser mais otimistas e esperançosos, rezando por um amanhã mais saudável, mais feliz, mais próspero, com menos desigualdades e menos misérias humanas, um mundo sem guerras e sem doenças, sem fome e sem sofrimento.

As ideias educacionais de Gandhi, fundadas como foram em certos princípios eternos, não perderam sua relevância nos próximos anos. Nossos gestores terão de pensar em um sistema auto-suficiente de educação primária que possa melhorar a vida

---

<sup>6</sup>Shloka é uma espécie de oração indiana, um mantra (N.T.).

dos mais pobres. Tal educação seria baseada na ação, na resolução de problemas e na atividade prática mais do que em um aprendizado livresco. Uma educação integral que permita o ser humano crescer em sua totalidade; uma educação que enfatize a construção do caráter e a identidade cultural é obviamente desejável. Claro está que falhamos grandemente em nossa gestão estatal para prover educação primária compulsória para todos. O modelo gandhiano, entretanto, guarda sua relevância e sua sedução. Contudo, se tal educação pode ser implementada só ou primariamente por meio do aprendizado de uma habilidade artesanal, se os potenciais beneficiários ou se o estado a aceitará é algo ainda a se confirmar. Finalmente, o modelo gandhiano carece, em minha opinião, de um mecanismo próprio de absorção ou de confrontação com as novas tecnologias que surgem a cada dia. Do modo como se apresenta hoje, parece, de alguma forma, voltado para o passado, ou quando muito voltado a uma sociedade estática, na qual as profissões ancestrais estáveis persistem de geração em geração. Penso que os tempos futuros serão marcados por mudanças e por fenômenos sem precedência. Mas isso não quer dizer que os valores perenes, defendidos por Gandhi, perderão sua penetração. O que isso realmente quer dizer é que deveremos encontrar novas maneiras, a cada dia, para interpretá-los, para compreendê-los, para implementá-los e para pô-los em prática.

### Referências

Gandhi, M. K. *Basic Education*. Bharatan Kumarappa, ed. Ahmedabad: Navjivan, 1951.

----- *Hind Swaraj or Indian Home Rule*. 1909; Ahmedabad: Navjivan, 1984.

----- *Towards New Education*. Bharatan Kumarappa, ed. Ahmedabad: Navjivan, 1953.

Varkey, C.J. *The Wardha Scheme of Education: An Exposition and Examination*. Madras: Oxford University Press, 1940.